

ELEMENTOS SOBRE O CONCEITO DE HISTÓRIA EM WALTER BENJAMIN

Antonio Wardison C. Silva*

RESUMO

O presente texto analisa e explica o conceito de história em Walter Benjamin e, com isso, percorre o seu itinerário crítico e formativo em oposição ao materialismo histórico tradicional. Nesta perspectiva, o texto parte de uma abordagem sobre o sentido da terminologia judaica para Benjamin, utilizada pelo filósofo na tentativa de pensar a história; apresenta, segundo Benjamin, a concepção de história para o materialismo, marcada pela sua pretensão determinista e dominadora; e desenvolve, oposto ao materialismo, o conceito de história segundo o pensamento de Benjamin, caracterizada por um autêntico retorno ao passado e dinamizada pelo espírito que possibilita ler o movimento de todos os seus acontecimentos.

Palavras-chave: *História. Materialismo. Redenção. Passado.*

ABSTRACT

This paper analyzes and explains the concept of story in Walter Benjamin and, therefore, he spends his itinerary critical and formative as opposed to traditional historical materialism. In this perspective, the text part of an approach about the meaning of Jewish terminology for Benjamin, used by the philosopher trying to think of history, presents, according to Benjamin, the conception of history to materialism, marked by its claim deterministic and domineering, and develops, as opposed to materialism, the concept of history according to Benjamin's thought, characterized by a genuine return to the past and energized by the spirit that allows to read the movement of all its events.

Keywords: *History. Materialism. Redemption. Last.*

* Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Licenciado em Filosofia e bacharel em Teologia. Especialista em Filosofia Existencial e em Psicopedagogia clínico institucional.

INTRODUÇÃO

As “teses sobre o conceito de história”¹ de Walter Benjamin foram escritas durante o seu exílio, no limiar da Segunda Guerra Mundial. Elas representam uma síntese de todo o seu pensamento e testemunho de um contexto de história marcado por profundos acontecimentos e transformações. Fundamentalmente, esse texto (carta), como o próprio Benjamin destaca, representa uma tentativa de construir um conceito de história distante da historiografia tradicional dominante, como também avesso à compreensão da historiografia materialista conservadora.²

Muito sutil, em um momento em que o nazismo matinha a supremacia diante dos comunistas, Benjamin não se direciona, direto e criticamente, aos comunistas e à teoria de Marx. Apenas cita o marxismo a fim de criticar a social-democracia (tese XII), pois não se tratava de criticar uma teoria em particular, mas de apontar a insuficiência revolucionária dos partidos estabelecidos. Por isso, sua crítica tem um alcance ainda mais amplo. Benjamin tece críticas a toda compreensão de história que, fundada no materialismo, dissemina uma concepção de história otimista e progressista. A preocupação de Benjamin é demonstrar “como o macrocosmo é espelhado pelo microcosmo”.³

Para Benjamin, a teoria social-democrata acreditava que o progresso da humanidade acontecia pelo desenvolvimento da técnica, meio capaz de conferir um caminho de libertação para o proletariado. Com isso, absolutizava

¹ Benjamin não escreveu “teses”, mas algumas considerações sobre a história. Por isso, o seu trabalho tem como título: “sobre o conceito de história” (último escrito de Benjamin, publicado depois de sua morte, em 1940). Posteriormente alguns estudiosos interpretaram o trabalho de Benjamin como “teses de filosofia da história”. Essas “teses” não expressam uma obra terminada, definitiva. Benjamin apenas teve a intenção de analisar a história e explicitar algumas considerações sobre o conceito de história. O presente ensaio utilizará a terminologia “tese”.

² GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin: os cacos da história*. Trad. Sônia Salzstein. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 15. O pensamento de Benjamin “não é uma ‘rua de mão única’. Muda de marcha e muitas vezes freia, para depois partir de novo e acelerar a cada encontro com um novo ponto de vista ou uma nova disciplina. Benjamin talvez seja aquele que cumpre de modo mais radical a promessa da Escola de Frankfurt de uma abordagem multidisciplinar. Seu método realmente questiona os estratagemas e as abstrações de teoria ‘tradicional’ e, com ou sem êxito, procura orientar a busca de emancipação”. BRONNER, Stephen Eric. *Da teoria crítica e seus teóricos*. Trad. Tomás R. Bueno e Cristina Meneguelo. Campinas: Papyrus, 1997, p. 159.

³ BRONNER, Stephen Eric. *Da teoria crítica e seus teóricos*, p. 161.

o trabalho como valor revolucionário (tese XI).⁴ Ainda mais, acreditava que o movimento da história estava regido pelas mesmas leis da evolução das espécies: do mais simples ao mais complexo. Esta compreensão, para Benjamin, representava uma ideologia perigosa para a humanidade, pois seria impossível conceber que o desenvolvimento das forças produtivas pudesse aperfeiçoar a vida do proletariado.

Como observa Benjamin, no seu ensaio sobre Fuchs, Darwin e Marx exerceram grande influência no século XIX: o primeiro, na formação da consciência operária; o segundo, na economia política. E, por isso, foram considerados como os fundadores de uma teoria materialista que, particularmente, combatia a metafísica e a religião: “a teoria social-democrata torna sua essa imagem do progresso e do desenvolvimento histórico, e assim substitui a necessidade da luta pela observância da evolução”.⁵

Para Benjamin, a social-democracia não percebeu que o nazismo pudesse servir aos interesses do capitalismo. Ela pensava que o nazismo fosse um fenômeno anacrônico e extraordinário. Ao contrário, o nazismo aliou-se com a classe dominante para combater a classe operária. Este movimento foi sustentado por uma ideologia teleológica da história: “a história se encaminha inexoravelmente em direção a uma meta preestabelecida e constatável ‘cientificamente’”.⁶

⁴ Na XI tese, Benjamin identifica e explicita a falsa compreensão do progresso instaurado pelo trabalho. Ora, para Gotha o trabalho compreendia a fonte de toda riqueza e de toda cultura; para Marx, o homem desprovido de propriedade tornar-se-ia escravo de um proprietário; para Joseph Dietzgen, o trabalho poderia consumir o que nenhum redentor consumou na história. Esses conceitos compreendem o trabalho na sua relação de exploração da natureza. Não obstante, Fourier entendia que o trabalho social bem organizado daria luz a toda criação. Mesmo assim a natureza estaria sujeita ao trabalho. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Trad. S.P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 227. Sobre o “conceito de história”, em Walter Benjamin, a análise, que aqui se propõe, também utilizará a tradução de Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. In LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Trad. Wanda Nogueira caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

⁵ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin: os cacos da história*, p. 16. Na XII tese, Benjamin considera a classe dominante como o sujeito do conhecimento histórico. E neste sentido, a socialdemocracia atribuiu à classe trabalhadora o papel de redentora das *gerações futuras*. Por sua vez, como prescreve na XIII “tese”, a social democracia conceitua o progresso como *próprio da humanidade, interminável e essencialmente irresistível*. BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política*, p. 228.

⁶ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin: os cacos da história*, p. 18. “Benjamin reage extremadamente às narrativas hubristicas do historicismo; e na verdade não é difícil rejeitar

Diante de toda essa conjuntura, a tentativa de Benjamin é discordar da ideia determinista de história. Por isso, procura traçar críticas a um pensar histórico que dissocia da sua análise a ação humana. Nesta perspectiva, toda a crítica de Benjamin, nas “teses”, ascende um problema ainda mais relevante: como pensar e entender a história? Como escrever a história em legítima conexão com o presente? Na tentativa de refletir sobre estes questionamentos, Benjamin propõe uma nova forma de pensar e fazer história.

Neste sentido, o objetivo deste ensaio, e único, é explicitar a ideia de história em Walter Benjamin, a partir de uma análise das suas “teses” sobre o conceito de história. Na primeira parte, o texto procurará apresentar o recurso metodológico utilizado por Benjamin na tentativa de analisar a história, fundamentalmente, o seu recurso à teologia judaica, em conexão com a teoria materialista; na segunda, o materialismo histórico, conforme a compreensão de Benjamin; e, na terceira parte, sua refutação e fundação de uma segura e necessária compreensão de história para a humanidade.

1. O RECURSO À TEOLOGIA JUDAICA PARA WALTER BENJAMIN

Todo pensador, ao analisar a realidade ou seu objeto específico do real, utiliza uma epistemologia, assegurada por métodos e procedimentos coerentes, que traduza e alcance a verdade das coisas ou, de outra forma, seja capaz de conhecer ou analisar a realidade, na tentativa de falar do real para o homem, situá-lo na história e direcionar suas conquistas. Benjamin, no seu pensar a história, não somente analisou a história em confronto com as teorias de pensamento do materialismo histórico, mas também buscou ferramentas que pudessem discutir e fundar uma verdadeira compreensão de história.

Nesta perspectiva, Benjamin buscou, na terminologia e simbolismo da teologia judaica, junto à experiência das coisas, o caminho para pensar a história. E foi esta experiência que permitiu a Benjamin direcionar sua preocupação com a subjetividade, em detrimento das relações mercantis, mantidas pelo poder totalitário, “donde sua tentativa de ‘retrabalhar’ o materialismo dialético e o messianismo, fundindo ao mesmo tempo a facticidade

tais teleologias se se encara a própria história, em estilo messiânico, como intrinsecamente negativa”. EAGLETON, Terry. *A Ideologia da Estética*. Trad. Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 242.

do histórico com a experiência do mito”.⁷ Por isso, no pensamento de Benjamin, a teologia é um suporte positivo que o ajuda analisar a história e a existência. Dessa forma, Benjamin procurava demonstrar que a compreensão de história tinha uma conexão direta com as categorias teológicas. Ao utilizar este recurso, rejeitou a ontologia. Esta harmonia entre história e teologia é curiosa porque Benjamin, mesmo indiferente à crença em Deus e aderindo ao marxismo, manteve-se usuário das categorias teológicas.⁸

Deus, para o jovem Benjamin, existia como o centro inatingível de um sistema de símbolos que O removia de tudo o que é concreto e também de tudo o que é simbólico; portanto, tinha sentido que a filosofia, na medida em que faz parte de um tal sistema, refletisse uma experiência absoluta simbolicamente deduzida no contexto alegórico da linguagem. Logo, o que fica sem Deus, explicando a atração superficial que Benjamin exerce sobre vários pós-modernistas, é um mundo alegórico de símbolos capaz de transferir e multiplicar infinitamente o significado não só de objetos, mas também de categorias e sistemas filosóficos. A existência de um tal mundo legitima a fusão que ele fez de diversas ideias provenientes de uma multidão de fontes e de alegações sistemáticas que, em um primeiro momento, pareciam mutuamente exclusivas”.⁹

Esta fusão da história com a teologia, como também da epistemologia, caracterizará o pensamento de Walter Benjamin, na sua investigação crítica. Particularmente, a união do materialismo com o messianismo levou Benjamin a se afastar do relativismo. E toda sua preocupação era recuperar um sentido de história que fora abandonado para o homem moderno.

Ora, ao concentrar sua análise de história nos elementos do passado, Benjamin considera que tais elementos estão abertos para a redenção no

⁷ BRONNER, Stephen Eric. *Da teoria crítica e seus teóricos*, p. 160. A ênfase na experiência, fundada numa filosofia da existência e nos valores “tradicionalis, foi o marco da formação intelectual de Walter Benjamin.

⁸ *Ibid.*, p. 165. Ainda mais, “seus vínculos eram com ‘uma tradição e uma experiência mística que, mesmo assim, estavam a uma enorme distância da experiência de Deus, proclamada por tantas mentes simplistas como a única que merece ser chamada de mística. Benjamin sabia que a experiência mística tem muitos níveis e era precisamente essa multiplicidade de níveis que tinha um papel tão grande em seu pensamento”. SCHOLEM. *Walter Benjamin and his Angel*. In: BRONNER, op. cit., p. 183.

⁹ *Ibid.*, p. 165.

dia do Juízo Final messiânico. Isto quer dizer: não se pode desconsiderar qualquer elemento da história, pois quando uma humanidade se redime, absorve a plenitude do seu passado. Somente dessa forma, a humanidade, redimida, poderá usufruir do encanto do passado e, por isso, o passado torna-se sempre recuperável: cada momento dessa vivência será o Dia do Juízo Final. Dessa forma, “uma noção teológica de recordação, que acabou introduzindo-se também no pensamento de Marcuse e de Adorno,¹⁰ contesta a perversão da história pelo totalitarismo”.¹¹

Benjamin, ao valorizar o passado, não somente queria inserir o oprimido na tradição, mas também demonstrar uma história criadora de tradição E, por isso, que o passado precisa ser “redespertado”. Assim, “um ‘pulo de gato’ reflexivo e experiencial para o passado tornara-se essencial para abrir o que se costuma considerar morto no *continuum* do tempo e reafirmá-lo para um contínuo contingente”.¹² Portanto, como se percebe:

A terminologia teologizante das teses tenta preservar o conteúdo da revolução proletária no conceito de Messias, a sociedade sem classes na era messiânica e a luta de classes no poder messiânico. Ao mesmo tempo supõe-se que a revolução que não vem está às portas em todo o momento, como o *Messias*. Lá, em algum além histórico, ela pode montar rapidamente uma sociedade sem classes, mesmo que não seja vista em parte alguma por aqui.¹³

¹⁰ Herbert Marcuse (Berlim, 1898–1979), influente filósofo alemão, naturalizado norte-americano, pertencente à Escola de Frankfurt. Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno (Frankfurt, 1903–1969), filósofo alemão, um dos mais expoentes pensadores da Escola de Frankfurt.

¹¹ BRONNER, Stephen Eric. *Da teoria crítica e seus teóricos*, p. 166.

¹² *Ibid.*, p. 166.

¹³ TIEDEMANN, Rolf. Historical materialismo or political messianism? In: BRONNER, Stephen Eric. *Da teoria crítica e seus teóricos*, p. 185. Benjamin usa o pensamento teológico-messiânico na pretensão de “solapar as certezas político-religiosas sobre o fim feliz da história da humanidade pelo ácido da reflexão teológica autêntica: a saber, uma reflexão que não procura responder às questões sem solução da humanidade (o mal, a dor, a morte), o que é a grande tentação da religião, mas que lembra sempre que nenhum discurso (*logos*) humano pode realmente dizer Deus (*theos*), que nenhum discurso humano pode pretender a um saber absoluto, em particular nenhum saber absoluto sobre o curso da história. Os motivos teológicos e messiânicos funcionariam como tantos elementos *disruptivos* cuja presença poderia, isso sim, sacudir as certezas dogmáticas do ‘materialismo histórico’ (essa marionete meio rígida da primeira tese), e ajudá-lo a inventar novas jogadas de xadrez ou de luta política”. GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Seis teses sobre as teses*. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/seis-teses-sobre-as-teses>. Acesso em: 11 set. 2011.

Nesta perspectiva, a tentativa de Benjamin – de utilização de uma hermenêutica messiânica – procura unir, dar coesão e completude, àquilo que foi “esquecido” na história e, com isso, redimir o sofrimento do passado e proporcionar uma libertação para o homem. Por isso, a teologia, para Benjamin, é capaz de oferecer “a última expressão desesperada da liberdade humana sob condições reais que, com a eclosão da guerra e o fracasso dos levantes radicais na França e na Espanha, tornaram a esperança impossível”.¹⁴ É neste sentido que Benjamin, nas suas anotações, no ensaio *As afinidades eletivas de Goethe*, escreve: *só pelo bem dos desesperados nos é dada a esperança*.¹⁵

2. A HISTÓRIA PARA O MATERIALISMO HISTÓRICO, SEGUNDO BENJAMIN

Benjamin (I tese) utiliza uma alegoria para expressar a supremacia e poder de vitória do “materialismo histórico”. Dessa forma, Benjamin explica que num jogo de xadrez, um boneco, conduzido por um anão, regia todas as belas jogadas em busca do triunfo, ao ponto de sempre responder, com uma eficiente jogada, ao seu adversário. Este boneco é o “materialismo histórico”.¹⁶

Para Benjamin, a alegoria é uma forma plausível de falar sobre as coisas. Ela, na sua linguagem própria, cria uma imagem possível daquilo que se quer falar, como do passado, e possibilita a transcendência. Fundamentalmente, a alegoria dar condições para compreender o passado, assim como suas mudanças e significados na história. Ainda mais, “ela possibilita uma contínua substituição de particulares díspares, precisamente porque as ‘coisas e ocorrências não estão situadas lado a lado sem qualquer sentido,

¹⁴ BRONNER, Stephen Eric. *Da teoria crítica e seus teóricos*, p. 169.

¹⁵ BENJAMIN, Walter. *Goethes Wahlverwandtschaften*. In: BRONNER, Stephen Eric. *Da teoria crítica e seus teóricos*, p. 169. “O pensamento de Benjamin me parece se aproximar mais da tradição *profética* judaica, isto é, de uma palavra corrosiva e impetuosa que subverte o ordenamento tranquilo do discurso estabelecido; subversão tanto mais violenta quanto ela é também o lembrar de uma promessa e de uma exigência de transformação radical: ‘Paradoxal lembrar hebraico, paradoxal *zekher*, pois funda a visão do futuro e não a nostalgia do passado”. GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*, p. 105.

¹⁶ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p. 222.

mas, antes, referem-se umas às outras”¹⁷. Por isso, a alegoria tem a função tanto de falar da realidade das coisas, como de transformar e sustentar os significados numa realidade presente.

O materialismo, apresentado por um boneco, é o regente da história que faz história segundo suas pretensões massificadora e dominadora. Benjamin, logo no início de sua “carta”, apresenta o seu descontentamento com o materialismo e, com isso, a singularidade desta teoria histórico-política.

Nesta perspectiva, Benjamin reconhece (na IV tese) que um historiador marxista, ao analisar a luta de classe, descreve a história pelas coisas brutas e materiais em detrimento das coisas finas e espirituais.¹⁸ Para Benjamin, o materialismo deveria ter discernimento para analisar a história: não concentrar sua observação nos fatos, mas no espírito que provoca e ascende os acontecimentos. Esse último elemento é, consideravelmente, esquecido pelo materialismo.

Os acontecimentos, por serem múltiplos na história, têm um enredo próprio e muitas vezes passam despercebidos, por isso, necessitam de um olhar preciso, atento. Caso contrário, não se percebe as provocações que norteiam o seu acontecer e mudanças. O materialismo, como sustenta Benjamin (na V “tese”),¹⁹ não considera este princípio, mas procura visualizar os acontecimentos na força e barbaridade.

Benjamin considera que o materialismo histórico aprecia a imagem do passado da forma como ela se apresenta para um sujeito histórico num momento de perigo (VI tese). Ora, este perigo ameaça tanto a tradição como os seus destinatários. E, por isso, a história deixa-se transformar num instrumento da classe dominante.²⁰ Nesta concepção, o materialismo olha para o passado com certa reserva e, por isso, o passado é “contemplado” por um simples olhar: o olhar do dominador. Esta postura é originada pelos

¹⁷ BRONNER, Stephen Eric. *Da teoria crítica e seus teóricos*, p. 159.

¹⁸ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p. 223. O materialismo histórico, ao olhar as mudanças artísticas, não se interessa por analisá-las a partir de sua transformação dada por um ideal de beleza, mas a partir de processos econômicos e técnicos de transformação. Mehring percebeu que a arte somente poderia renascer se referida à política e economia do proletariado. BENJAMIN, Walter. *O anjo da História* (obras escolhidas). Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, p. 122-123.

¹⁹ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p. 224.

²⁰ *Ibid.*, p. 3.

teóricos criadores de história. Como sustenta Alfred Weber, esta forma de pensamento – ao pressupor que a cultura nada mais é que uma ilusão e fundada numa falsa consciência – ausenta toda barbárie e ela, a cultura, nada mais representa que algo supérfluo para a continuidade da vida, uma obra de arte: ora conflitante, ora sublime. Ainda pior, neste sentido, a cultura está marcada por traços fetichistas e coisificada: “a sua história não seria mais do que os resíduos depositados na consciência dos homens pelas coisas memoráveis, mas desprovidas de experiência autêntica, isto é, política”.²¹

O materialismo analisa a história, dos acontecimentos vividos, em função do momento presente. Não entra no espírito da história, mas o corporifica na tentativa de afirmar aquilo que deseja ou de provar suas elucubrações. Ora, Benjamin tinha clareza que o materialismo utilizava-se da hermenêutica para compreender a história, por isso, interpretava os acontecimentos na tentativa de justificar suas pretensões e força.²² Por isso, para o materialismo (VII tese), a identificação afetiva dos fatos dá-se, fundamentalmente, com o vencedor, pois ele sempre está em função dos vencedores de turno: “a história habitual é, de fato, a ‘comemoração’ das façanhas dos vencedores, ela é a ‘apologia’ que tende a ‘recobrir os momentos revolucionários do curso da história’”.²³ Esta apreciação sustenta o triunfo que ampara os dominadores do tempo presente. Tal é a “lógica” do materialismo histórico. Ora, todo documento histórico atesta a barbárie presente nos acontecimentos. Esta barbárie, por sua vez, não está livre do processo da sua transmissão. E esta transmissão é perpassada na ótica do vencedor. Por isso, o materialismo histórico jamais poderá, de fato, aproximar-se da verdadeira transmissão da história.²⁴

Segundo Benjamin (VI tese), “o materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas no qual o tempo estanca e ficou imóvel (*Stillstand*)”. Dessa forma, para o materialismo, a história do passado é considerada como única, singular no seu acontecer.²⁵ Benjamin afirma (XVII tese) que a historiografia materialista remete-se a um princípio construtivo. Ela, ao pensar as coisas, as pensa no seu movimento,

²¹ BENJAMIN, Walter. *O anjo da História*, p. 118.

²² BRONNER, Stephen Eric. *Da teoria crítica e seus teóricos*, p. 159.

²³ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*, p. 99.

²⁴ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p. 225.

²⁵ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p. 224.

como também na sua imobilização (*Stillstellung*).²⁶ O pensamento se detém numa constelação de tensões e revela o estado simples dessa constelação e, por isso, designada a uma imobilização messiânica do acontecer. É o que ocorre com a história dos cinquenta mil anos do *homo sapiens*: ela nada mais representa que alguns segundos para o todo da história humana, pois o tempo presente, de agora, é capaz de dizer sobre toda a história humana (XVIII tese).²⁷

Nesta perspectiva, o materialismo histórico rejeita a ação heroica da história. Essa será sempre o relato de uma construção dada por uma época situada, uma obra determinada. Ao se apropriar de uma experiência sempre única, substitui o épico pelo construtivismo: “acionar no contexto da história a experiência que é para cada presente uma experiência originária – é essa a tarefa do materialismo histórico, que se dirige a uma consciência do presente que destrói o contínuo da história”.²⁸

3. A HISTÓRIA NA COMPREENSÃO DE WALTER BENJAMIN

Benjamin (II tese) reconhece que a imagem de felicidade remete ao decurso da existência humana. E nesta representação de felicidade reside a redenção. Assim acontece com a representação do passado: *o passado leva consigo um índice secreto pelo qual ele é remitido à redenção*. Pois, se existe um eco do acontecido no presente, se pressupõe um encontro secreto entre este e aquele, de tal forma que o passado está marcado pelas

²⁶ Ibid., p. 231.

²⁷ Ibid., p. 231. “Segundo Benjamin, a historiografia burguesa e a historiografia ‘progressista’ se apoiam na mesma concepção de um tempo ‘homogêneo e vazio’ (teses 13 e 14), um tempo cronológico e linear. Trata-se, para o historiador ‘materialista’ – ou seja, de acordo com Benjamin, para o historiador capaz de identificar no passado os germes de uma outra história, capaz de levar em consideração os sofrimentos acumulados e de dar uma nova face às esperanças frustradas –, de fundar um outro conceito de tempo, ‘tempo de agora’ (‘jetztzeit’), caracterizado por sua intensidade e sua brevidade, cujo modelo foi explicitamente calcado na tradição messiânica e mística judaica”. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p. 8.

²⁸ BENJAMIN, Walter. *O anjo da História*, p. 110. “A compreensão de história é entendida pelo materialismo histórico como pós-vida do objeto de compreensão, cujo pulsar se faz sentir até ao presente. Esta compreensão tem seu lugar em Fuchs, apesar de ele estar acima de qualquer crítica. Nele coexistem uma ideia antiga, dogmática e ingênua da recepção com a sua forma nova e crítica”. Ibid., p. 110.

suas pretensões: a existência de uma *fraca* força messiânica,²⁹ quer dizer, mesmo na fraqueza há a existência de uma força.³⁰

Mais que nossa lamentável impotência, como sempre se interpreta; ela poderia igualmente assimilar, como o faz essa “suave aproximação” do reino que fala o “Fragmento Teológico-político”, que somente nossa *fraqueza* é messiânica, que é em nossas hesitações, em nossas dúvidas, em nossos desvios, que pode ainda se insinuar o apelo messiânico, ali, enfim, onde renunciamos a tudo preencher para deixar que algo de outro possa dizer-se.³¹

Segundo Benjamin, o historiador materialista deve entender que a imagem do passado não pode ser concebida a partir de uma reflexão imediata à sua análise, mas buscar nas representações do próprio passado uma análise crítica desse passado. Caso contrário, a história será sempre tendenciosa, fadada a uma tradição ascendente de sua constituição. “É preciso descolar, por assim dizer, o núcleo do passado de um invólucro de imagens pré-fabricadas que nos impedem de recebê-lo em sua verdade”.³² Pois, “o passado é um conjunto de ‘ruínas’ que precisam ser restauradas e o presente é mais do que parece à primeira vista”,³³ ou seja, somente um autêntico retorno ao passado, no seu acontecer legítimo, poderá, a história, encontrar-se com a verdade da tradição. Para Benjamin (III tese), uma verdadeira narração dos acontecimentos não isenta qualquer fato histórico. E só uma humanidade redimida pode contemplar cada elemento da história.³⁴

Benjamin considera que a história deve ser descrita a partir do espírito que movimentou todos os seus acontecimentos (IV tese). Não há outra alternativa, a não ser esta, que permita “olhar” para dentro da história a fim de perceber a história no seu estado real. Este princípio contempla as lutas com um considerável teor de vivacidade, assim como capazes de provocar efeitos na história.³⁵ Benjamin, quando fala das coisas espirituais,

²⁹ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p. 222.

³⁰ LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*, p. 52.

³¹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*, p. 98.

³² Id. *Walter Benjamin: os cacos da história*, p. 52.

³³ BRONNER, Stephen Eric. *Da teoria crítica e seus teóricos*, p. 163.

³⁴ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p. 223.

³⁵ *Ibid.*, p. 223.

que devem movimentar a história, refere-se aos atributos da fé, coragem, perseverança, humor e astúcia.³⁶

Benjamin reconhece que as imagens do passado passam de forma rápida e oculta, mas são nessas condições que o passado precisa ser apreendido, isto quer dizer: nada do passado deve ser perdido (V tese). Pois é na perda do passado que se compromete o presente: o reconhecimento da sua memória:³⁷ “Benjamin compartilhava com Proust a ‘preocupação de salvar o passado no presente’, graças à percepção de uma semelhança que transforma os dois”.³⁸ Pois o passado é reavivado e o presente revelador de uma promessa realizada. Para Benjamin, a procura da verdade “não tende, portanto, a uma coincidência falsamente imediata entre um passado sempre ‘atual’ e um presente narcísico, mas exige um decifrar paciente da distância histórica”.³⁹ Fundamentalmente, “a intensidade dessa volta/renovação quebra a tranquilidade da cronologia tranquila, [do materialismo] imobiliza seu fluxo infinito, instaura o instante e a instância da salvação”.⁴⁰

Como sustenta Benjamin (VI tese), o historiador, ao olhar para o passado, deve recuperar a transmissão da tradição e ressuscitar o espírito de todo acontecimento: “pois o Messias não vem somente como redentor; ele vem como vencedor do Anticristo”.⁴¹ É notável que Benjamin, pela utilização da teologia judaica, procura escrever uma nova história, a partir da própria história, como ela de fato aconteceu, na particularidade dos seus acontecimentos. Ora, como o messianismo tem seu fundamento na história,⁴² Benjamin utiliza dessa compreensão teológica para pensar a história.

Benjamin, por meio de Fustel de Coulanges, observa que um historiador, ao querer reviver uma época, deve abolir de sua cabeça todo o curso ulterior da história (VII tese). Este “método” confere identificação efetiva entre o pesquisado e o pesquisador.⁴³ “Singular a Benjamin, porém, é que

³⁶ LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*, p. 63.

³⁷ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p. 224.

³⁸ LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*, p. 63.

³⁹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin: os cacos da história*, p. 40.

⁴⁰ Id. *História e Narração em Walter Benjamin*, p. 97.

⁴¹ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p. 224.

⁴² BRONNER, Stephen Eric. *Da teoria crítica e seus teóricos*, p. 159.

⁴³ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p. 225.

ele sempre deixa o objeto, cuja singularidade nunca se perdia, falar por si mesmo”.⁴⁴ Este recurso metodológico deve ser conservado pelo historiador.

Benjamin considera que a tradição dos oprimidos reside dentro de uma exceção e que esta exceção deverá tornar-se uma regra (VIII). Esta exceção também foi a história do messianismo judaico. Somente dessa forma poder-se-á chegar a um conceito de história. Eis, então, a tarefa de um legítimo pensador: instaurar o real estado de exceção.⁴⁵ Neste sentido:

Benjamin tenta pensar uma “tradição” dos oprimidos que não repousaria sobre o nivelamento da continuidade, mas sobre os saltos, o surgimento (*Ur-sprung*), a interrupção e o descontínuo: “o *continuum* da história é o dos opressores. Enquanto a representação do *continuum* iguala tudo ao nível do chão, a representação do descontínuo é o fundamento da autêntica tradição”.⁴⁶

Benjamin esclarece o que vem a ser esta “nova história” (IX tese): ter uma direção voltada para o passado, capaz de identificar uma única catástrofe (com todos os seus escombros) e despertar uma tempestade, sempre crescente, que o impulse para o futuro. Esta tempestade será o progresso.⁴⁷ Neste sentido, “o progresso não se estende simplesmente para o futuro, mas depende da maneira como o passado é apropriado”.⁴⁸ Por isso, toda preocupação de Benjamin é instaurar um conceito de história que evite qualquer cumplicidade a interesses políticos (X “tese”).⁴⁹

⁴⁴ BRONNER, Stephen Eric. *Da teoria crítica e seus teóricos*, p. 161.

⁴⁵ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p. 226. “O que ele [Benjamin] sempre condenou na crítica literária acadêmica e burguesa é o fato de esta procurar a verdade nas ‘ideias eternas’ e nos ‘valores atemporais’, ao invés de captá-la na ‘espessura’ da historicidade da obra. É essa dialética entre verdade e historicidade que Benjamin reivindica como sua preocupação fundamental e que o liga mais à investigação materialista que à apologética idealista, como o diz”. GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin: os cacôs da história*, p. 34. Ainda mais, “a ciência literária burguesa trata as obras do passado fora de seu contexto histórico e sem refletir sobre o processo, histórico também, pelo qual elas nos são transmitidas. Ela postula, assim, um falso imediatismo entre a obra do passado e nossa compreensão presente, tendendo a apagar as *diferenças* históricas para sublinhar a *identidade* entre as preocupações dos autores de ontem e os contemporâneos. Isso permite decretar a obra sempre ‘atual’, e nela descobrir a expressão de questões e de valores eternos, já que estes permaneceriam até hoje os mesmos”. *Ibid.*, p. 39.

⁴⁶ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*, p. 99.

⁴⁷ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p. 226.

⁴⁸ BRONNER, Stephen Eric. *Da teoria crítica e seus teóricos*, p. 165.

⁴⁹ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p. 227.

CONCLUSÃO

Como foi possível verificar, Benjamin procurou responder à compreensão de história materialista a partir da teoria da experiência histórica que, fundamentalmente, toca a questão sobre o tema política da história dos vencidos, assim como da tradição messiânica judaica. Por isso, o acento, em sua obra, de elementos teológicos e materialistas. Constantemente, Benjamin trabalha com essas duas vertentes de pensamento.

A crítica de Benjamin ao materialismo tradicional, caracterizado pelo determinismo, é notável. Não se trata de apontar, exclusivamente, a ineficácia da teoria materialista e, com isso, apontar o que seria a verdade sobre uma obra ou um ator, mas de fazer notar a necessidade de descoberta daqueles acontecimentos, motivados por um espírito, não valorizados pela análise de história. Dessa forma, Benjamin quer denunciar os limites de uma obra histórica, como também, e fundamentalmente, a coercitividade com que ela é transmitida, sempre sustentada pela história de dominação burguesa, inscrita na história pelos interesses da classe dominante. Por isso, Benjamin “procurou descobrir um potencial emancipatório não realizado nos fatos considerados inúteis e irrelevantes pelas classes dominantes”.⁵⁰

Benjamin postula uma verdade para além da história, pois a verdade do passado está naquilo que ele encerra e, por isso, a tarefa do historiador será revelar o que foi esquecido do passado e que ele pode revelar ainda mais o que já fora revelado: tirar todos aqueles elementos que poderiam fazer da história humana outra história daquela transmitida. Fundamentalmente, “a empresa crítica converge, assim, para a questão da memória e do esquecimento, na luta para tirar do silêncio um passado que a história oficial não conta”.⁵¹ Por isso, as teses de Benjamin “não são apenas uma especulação sobre o devir histórico ‘enquanto tal’, mas uma reflexão crítica sobre nosso discurso a respeito da história (das histórias), discurso esse inseparável de uma certa prática”.⁵²

⁵⁰ BRONNER, Stephen Eric. *Da teoria crítica e seus teóricos*, p. 166.

⁵¹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin: os cacos da história*, p. 52.

⁵² Id. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p. 7.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Trad. S.P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. Obras escolhidas. Vol. 1.

_____. *O anjo da História* (obras escolhidas). Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

BRONNER, Stephen Eric. *Da teoria crítica e seus teóricos*. Trad. Tomás R. Bueno e Cristina Meneguelo. Campinas: Papirus, 1997.

EAGLETON, Terry. *A Ideologia da estética*. Trad. Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. *Seis teses sobre as teses*. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/seis-teses-sobre-as-teses/> Acesso em: 11 set. 2011.

_____. *Walter Benjamin: os cacos da história*. Trad. Sônia Salzstein. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7 ed. Trad. S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. Obras escolhidas. Vol. 1.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Trad. Wanda Nogueira caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.